

ABANDONO, REVITALIZAÇÃO E GENTRIFICAÇÃO NO IV DISTRITO DE PORTO ALEGRE: UMA ABORDAGEM PSICOGEOGRÁFICA E FENÔMENO (LÓGICA).

Rodrigo Vargas Souza¹

Resumo: Neste artigo, inicialmente, são apresentados alguns conceitos que fazem uma abordagem sociopsicológica do espaço para melhor compreensão da teoria da deriva proposta pela internacional situacionista e, também, discutidos alguns aspectos para entendimento das transformações que estão ocorrendo no IV distrito de Porto Alegre, RS. Também é feita uma escrita experimental e fotografias que são resultantes de uma deriva realizada em Julho de 2016. Esta escrita experimental (poética), feita em prosa espontânea, pretende expressar os efeitos sinestésicos da experimentação territorial transmitindo alguns significados revelados.

Palavras-chave: revitalização, teoria da deriva, psicogeografia.

1. A Deriva, psicogeografia e fenomenologia

A deriva é uma técnica do andar sem rumo que se mistura à influência do cenário (JACQUES, 2003). Segundo Debord (1982) uma ou várias pessoas (Figura 1) renunciam seus deslocamentos habituais que geralmente fazem a trabalho ou entretenimento, para deixarem levar pelas solicitações do terreno e confluências que a ele correspondem. O aleatório para Debord não é tão importante como se pensa, pois do ponto de vista da deriva, existe um relevo

¹ Arquiteto e Urbanista, especialista em sustentabilidade: gestão de projetos, mestre em engenharia civil pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutorando no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, (PósARQ), UFSC.

psicogeográfico das cidades, com fluxos constantes, pontos fixos e turbilhões que dão acesso ou saída de algumas zonas muito incômodas.

Neste sentido a teoria da deriva pode fazer uma intersecção com a fenomenologia. Segundo Merleau-Ponty (2015) a fenomenologia é uma filosofia que estuda as essências na existência e compreende o mundo a partir de sua factilidade.

Figura 1: na deriva no IV distrito de Porto Alegre.



Fonte: deriva do autor, 2014.

Segundo Debord (1982) a deriva em sua unidade, compreende por sua vez esse deixar-se levar e sua contradição necessária: a dominação das variações psicogeográficas pelo conhecimento e pelo cálculo de suas possibilidades. Debord (1982) afirma que as limitações dadas pelo tecido urbano é o terreno em que se move a deriva que se molda ao seu próprio determinismo e com suas relações com a morfologia social.

A fenomenologia ambiciona ser uma “ciência exata”, mas também um relato, do tempo, do mundo “vivididos” (MERLEAU- PONTY, 2015). E o autor complementa:

“eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu “psiquismo”, eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo (...) eu sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada” (MERLEAU- PONTY, 2015. P. 3).

É importante, considerar dentro da experiência subjetiva citada por Merleau-Ponty aspectos da pós-modernidade que podem ajudar a esclarecer os aspectos deterministas da teoria da deriva. Segundo Hall (1992) um dos principais fatores que causam descentralização da identidade do sujeito pós-moderno é o poder disciplinar destacado por Foucault. O poder disciplinar está preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância é o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo (HALL, 1992). Hall (1992) citando Dreyfus e Rabinow (1982) complementa seu pensamento sobre o poder disciplinar:

“O objetivo do poder disciplinar consiste em manter as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidades e os prazeres do indivíduo, assim como a sua saúde física e moral, suas práticas sexuais e sua vida familiar sobre estrito controle e disciplina, com base no poder dos regimes administrativos, do conhecimento especializado dos profissionais e no conhecimento fornecido pelas disciplinas das ciências sociais. Seu objetivo básico consiste em produzir um ser humano que possa ser tratado como um corpo dócil.” (HALL, 1992, p. 42).

Segundo Harvey (2014) as pressões coletivas exercidas pelo estado ou por outras instituições (religiosas, políticas, sindicais, patronais e culturais) aliadas ao exercício do poder de domínio do mercado pelas grandes corporações e outras instituições poderosas afetam de modo vital a dinâmica dos indivíduos.

Quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual. (Figura 2).

Figura 2: população de rua de Porto Alegre.



Fonte: deriva do autor, 2014.

Segundo Harvey (2014) os indivíduos são considerados agentes movidos por um propósito engajados em projetos que absorvem tempo através do movimento no espaço. As biografias individuais podem ser tomadas como “trilha de vida no tempo-espaço”, começando com rotinas cotidianas de movimento (da casa para a fábrica, as lojas a escola, e de volta para casa).

Os espaços da cidade moderna são setorizados e o trabalhador acaba dedicando muito tempo à locomoção. Lefebvre (2016) afirma que os lugares de lazer, assim como as novas cidades, são dissociados da produção, a ponto dos espaços de lazeres parecem independentes do trabalho e “livres”. Mas eles encontram-se ligados aos setores do trabalho no consumo organizado, no consumo dominado. (Figura 3).

Figura 3: traçado urbano do IV distrito, edifícios industriais, comerciais e residenciais na mesma quadra.



Fonte: deriva do autor, 2007.

Sobre esta questão determinista do corpo no tempo-espaço da cidade já abordada por Debord, Lefebvre afirma:

“a esse espaço, cujas “propriedades” situam-se na articulação da forma e do conteúdo, corresponde um tempo que tem as mesmas “propriedades”. O tempo, bem supremo, mercadoria suprema, se vende e se compra: tempo de trabalho, tempo de consumo, de lazer, de percurso etc. Ele se organiza em função do trabalho produtivo e da reprodução das relações de produção na cotidianidade. O tempo “perdido” não o é para todo mundo, pois é preciso pagar caro por ele. O pretense “tempo livre” é apenas o tempo separado e mantido como tal nos quadros gerais. Quanto ao tempo imposto, aquele dos transportes e das formalidades, já se sabe como ele se vincula de maneira deslocada ao tempo do trabalho.” (LEFEBVRE, 2016, p. 49) (Figura 4).

Figura 4: antigo morador do IV distrito
curtindo o tempo livre.



Fonte: deriva do autor, 2014.

Segundo Lefebvre (2016) a cilada na qual a burguesia captura a classe operária acaba sendo, no limite, a sua própria armadilha: espaço doentio ou espaço de doença social. De todo modo, nessa hipótese o espaço não seria uma representação inocente, mas vincularia as normas e os valores da sociedade burguesa e, de início, o valor de troca e a mercadoria. Isto é, o fetichismo.

Considerando as abordagens sociopsicológicas e fenomenológicas de escritores como de Certeau e Foucault, Harvey (2014) afirma que a concentração foucaultiana exclusiva nos espaços de repressão organizada (as prisões, os manicômios e outras instituições de controle social) enfraquece a generalidade do seu argumento. Segundo Harvey (2014) já de Certeau trata os espaços sociais como instancias mais abertas à criatividade e ação do homem. O andar, sugere ele, define um “espaço de enunciação”, com seus pés na cidade o individuo com sua massa fervilhante é uma coleção inumerável de singularidades. Seus caminhos entrecruzados dão forma aos espaços e unem lugares e, assim criam a cidade por meio de atividades e movimentos diários (HARVEY, 2014).

Segundo Harvey (2014) os espaços particulares da cidade são criados por uma miríade de ações, todas elas trazendo a marca da intenção humana. Respondendo a Foucault, de Certeau vê uma substituição diária “do sistema tecnológico de um espaço coerente totalizante” por uma “retórica pedestre” de trajetórias que têm “uma estrutura mítica” compreendida como uma história construída a baixo custo a partir de elementos tomados de expressões comuns, uma história alusiva e fragmentaria cujas lacunas se confundem com as práticas sociais que ele simboliza. Harvey (2014) complementa:

“de Certeau define aqui uma base para a compreensão do fermento das culturas populares e localizadas, mesmo expressas no âmbito da estrutura imposta por alguma ordem repressiva abrangente. “O alvo” ele escreve, não é deixar claro como a violência da ordem é transmutada numa tecnologia disciplinar, mas antes trazer à luz as formas clandestinas assumidas pela criatividade dispersa, tática e paliativa de grupos ou indivíduos já presos nas redes da “disciplina”. A ressurgência de práticas populares na modernidade científica e industrial, ele escreve, não pode ser confinada ao passado, ao campo nem aos povos primitivos, mas está presente no cerne da economia contemporânea. Os espaços podem ser libertados mais facilmente do que Foucault imagina, precisamente por que as práticas sociais especializam em vez de se localizarem no âmbito de alguma malha repressiva de controle social.” (HARVEY, 2014, p. 197) (Figura 5).

Figura 5: passeata anarcosindicalista contra o trabalho temporário em Porto Alegre.



Fonte: arquivo do autor, 2012

Merleau- Ponty (2015) afirma que a fenomenologia trata-se de uma descrição e não de uma explicação ou uma análise do “espaço” (do mundo) e, que a ciência, não tem e não terá jamais o mesmo sentido do ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma

determinação ou uma explicação dele. Complementado de Certeau, Merleau- Ponty (2015) afirma:

“eu sou não um “ser vivo” ou mesmo um “homem” ou mesmo “uma consciência”, com todos os caracteres que a zoologia, anatomia social ou a psicologia indutiva reconhecem a esses produtos da natureza ou da história – eu sou a fonte absoluta; minha experiência não provém de meus antecedentes, de meu ambiente físico e social, ela caminha em direção a eles e os sustenta, pois sou eu quem faz ser para mim (e, portanto ser no único sentido que a palavra possa ter para mim) essa tradição que escolho retomar, ou este horizonte cuja a distância em relação a mim desmoronaria, visto que ela não lhe pertence como uma propriedade, se eu não estivesse lá para percorrê-la com o olhar. As representações científicas segundo as quais eu sou um momento do mundo são sempre ingênuas e hipócritas, porque elas subentendem, sem mencioná-la, essa outra visão, aquela da consciência, pela qual antes de tudo um mundo se dispõe em torno de mim e começa a existir para mim. Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem – primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou riacho.”(MERLEAU- PONTY, 2015. P.4).

Debord (1982), citando um estudo de Chobart de Lauwe sobre aglomerações parienses de 1952, afirma que um bairro urbano não está determinado somente por fatores geográficos e econômicos, mas também pela representação que seus habitantes e os de outros bairros têm dele. Neste estudo Chobart de Lauwe também apresentam a limitação espacial de percurso (trajeto) que um estudante faz durante um ano em um bairro de Paris.

A psicogeografia é uma “ciência” destinada a analisar e decifrar as interações entre humanos e contextos ambientais e que pretende avaliar os efeitos do meio ambiente, ordenado conscientemente ou não, sobre o comportamento afetivo e os sistemas perceptivo e cognitivo dos indivíduos. (DEBORD, 1955).

Segundo Jacques (2014) a psicogeografia estudava o ambiente urbano, sobretudo os espaços públicos, através das derivas e tentava mapear os diversos comportamentos afetivos diante dessa ação, basicamente do errar pela cidade. A psicogeografia seria então uma geografia afetiva, subjetiva, que buscava narrar, através do uso de cartografias e mapas, as diferentes ambiências psíquicas provocadas pelas errâncias urbanas que eram as derivas situacionistas (Jacques, 2014).

2. IV distrito, abandono, revitalização e gentrificação?

O IV distrito localiza-se ao norte do centro histórico de Porto Alegre e, é formado por três bairros: Navegantes, Floresta e São Geraldo e seu nome está vinculado a história industrial da cidade e do estado do Rio Grande do Sul. Segundo Hauser *et al.*(2005) a boa localização, a proximidade do porto e a instalação e a expansão da rede ferroviária, tornaram o IV Distrito a região mais propícia para a localização das indústrias nascidas com o advento da República. A partir da 1ª Guerra Mundial, com o processo de substituição das importações, a região prosperou muito. A abertura da Avenida Farrapos e a construção da travessia Getúlio Vargas, sobre o Lago Guaíba, ligando a cidade de Porto Alegre ao Sul do Estado e aos países do Prata, deram novos impulsos à economia local.

Contudo, a partir da década de 1970, seguido um panorama mundial, as indústrias que ali se localizavam começaram a se deslocar para áreas periféricas na Região Metropolitana de Porto Alegre, predominantemente junto às rodovias BR 116 e BR 290 (HAUSER *et al.*, 2005).

Hauser *et al.*(2005) afirmam que com a saída dessas indústrias da região do IV Distrito, muitos imóveis ficaram abandonados. De características industriais e com grandes dimensões, vários desses prédios não se adaptaram a uma simples troca de função, como se exigia naquele momento. Verificou-se, também, a redução da população usuária daquele espaço e de atividades ali desenvolvidas, contribuindo para a degradação da região (HAUSER *et al.*, 2005).

Porém esta “degradação” possibilitou que parte da população de baixa renda e pequenas indústrias ocupasse boa parte do IV distrito já que ali havia moradias e galpões mais baratos e com baixo custo de alugueis. Também é importante salientar que esta “reorganização espacial” trouxe uma nova população, composta pela classe trabalhadora, se somando a já existente historicamente, fortalecendo o comércio local que ainda resiste as grandes transformações do capital especulativo da cidade.

Assim é possível afirma que IV distrito nas últimas décadas manteve sua identidade de bairro operário e também virou um “espaço marginal” recebendo uma identidade – estigmatizada pela sociedade burocrática de consumo de lugar da subjetividade-lixo. Neste sentido Rolnik (2003) afirma que as margens do universo supostamente garantido do capitalismo mundial integrado (subjetividade-luxo) uma barreira imaginária separa os habitantes destes mundos. A miséria material é confundida com miséria subjetiva e existencial, mais precisamente com uma miséria ontológica, a qual passa a definir a suposta essência destes seres. Isto faz com que seja

atribuído o lugar de subjetividade-lixo na hierarquia que rege a distribuição de categorias humanas nos mapas perversos deste regime. (Figura 6)

Figura 6: automóvel como forma de habitação, enquanto prédio abandonado espera a intervenção do capital



Fonte: deriva do autor, 2014

Mas este lugar da subjetividade lixo na verdade é uma reserva do capital especulativo, pois desde os anos 90 vem recebendo especial atenção da especulação imobiliária e do estado. Segundo Hauser *et al.* (2005) a Prefeitura Municipal de Porto Alegre chegou a desenvolver um projeto, que visa a revitalização urbana e, ao mesmo tempo, a sua reconversão econômica. Esse projeto, denominado Parque Tecnológico Urbano do IV Distrito, prevê o preenchimento das lacunas deixadas pelo modelo de crescimento baseado na expansão da fronteira urbana.

Trabalhos prevendo revitalização da área, Como os propostos por Douglas Aguiar e Rômulo Krafta, em 1984; por Lineu Castello, em 1988; pelo o programa de Pós Graduação (Ufrgs), com participação do arquiteto francês Philippe Panerai, em 1992, pelo projeto cidade constituinte, em 1993; pelo Instituto Goethe e Prefeitura de Porto Alegre, em 1996; pelo Encontro Porto Alegre – Barcelona, em 2000; entre outros, são exemplos disso (HAUSSER *et al.*, 2005).

Porém por traz do discurso de revitalização do bairro e dos projetos propostos é importante considerar as observações de Jeudy (2005):

“Acompanhando os projetos urbanos que definem a revitalização dos espaços a partir de uma complexidade inerente à própria cidade, os discursos mantidos por arquitetos e urbanistas não hesitam em utilizar um vocabulário completamente que inclui o fractal, o fragmentário, o caótico, o informe... sempre como considerações necessárias para legitimar seus procedimentos. Esses conceitos, cujo uso é metafórico, pretendem mostrar como a nova configuração da unidade urbana se realiza a partir do que não faz parte, verdadeiramente, da ordem clássica das representações. Tomadas da física e da filosofia, estes mesmos conceitos exercem uma função ficcional que é uma garantia estética para a exposição de todos os projetos. Sem estas palavras que designam a própria complexidade, em sua atualização permanente, sem estas palavras cujo sentido filosófico espera-se que traduza a profundidade das maneiras de pensar a cidade, o racionalismo positivista do projeto se imporia como atitude completamente desprovida do poder visionário oferecido pela metáfora”. (JEUDY, 2005. P. 95)

Também é incorporado ao discurso da especulação imobiliária e dos planejadores (arquitetos, urbanistas, entre outros técnicos) o da restauração e preservação das edificações históricas do IV distrito, já que o mesmo contém significativo acervo arquitetônico: art-déco, eclética, industrial e operária. Assim é possível observar que por meio destas revitalizações, como o ocorrido na Vila Flores entre outras edificações, o bairro recebe uma nova população de frequentadores, provenientes na sua grande maioria das classes abastadas da cidade, resultando assim, em uma maior presença da segurança privada e do estado por meio da polícia. (Figura 7)

Figura 7: Vila Flores construída em 1928, projetada pelo arquiteto José Lutzenberger



Fonte: deriva do autor, 2016

Segundo Arantes (2006) a prática da preservação não legitima simplesmente sentidos socialmente atribuídos pela cultura comum e cotidiana a determinados aspectos da cultura, mas

põe em prática os critérios, as concepções e os valores que são defendidos por técnicos e especialistas (arquitetos, urbanistas, historiadores, arqueólogos, antropólogos e geógrafos, entre outros).

Neste sentido Jacques (2005) afirma que o atual momento de crise da noção de cidade se torna visível principalmente através das idéias de “não-cidade”: seja por congelamento – cidade-museu e patrimonialização desenfreada – seja por difusão – cidade genérica e urbanização generalizada. Essas duas correntes do pensamento urbano atual, apesar de aparentemente antagônicas, tendem a um resultado bem semelhante, que pode ser chamado de cidade espetáculo.

Muitas vezes os atores e patrocinadores destas propostas também são os mesmos, assim como é semelhante a não participação da população em suas formulações, e a gentrificação das áreas como resultado, demonstrando que as duas correntes antagônicas são faces de uma mesma moeda: a mercantilização espetacular das cidades (Jacques, 2005). (Figura 8)

Figura 8: os antigos armazéns da Fiateci vão se transformar em um shopping enquanto uma parte servirá de garagem com novos prédios ao fundo.



Fonte: Zero Hora, 2014.

Segundo Furtado (2014) o processo de gentrificação aparece como um dos elementos de um processo permanente de (re) estruturação urbana. Processo esse que é parte da organização do espaço urbano, de acordo com as necessidades do modo de produção dominante na economia e que está em sintonia com os propósitos da estrutura dominante da

sociedade em um período histórico determinado. Assim a gentrificação é consequência de mudanças, não apenas na qualidade, composição e distribuição da força de trabalho, mas principalmente, e primeiramente, na reorganização do espaço para produção, circulação e consumo de mercadorias (FURTADO, 2014).

É possível afirmar que o IV distrito passa pelo um processo de gentrificação, pois parte da população já começa a se deslocar para uma periferia mais distante com custo de vida mais baixo, o capital se reestrutura dentro do espaço da cidade. Segundo Smith (1986) se a reestruturação que iniciou agora continua na sua atual direção, nós podemos esperar por importantes mudanças na estrutura urbana. A conclusão lógica da reestruturação atual seria a de um centro urbano dominado pelos profissionais-executivos, pelas funções financeiras e administrativas, residências das classes média e média alta e mais os serviços necessários a estas classes tais como hotéis, restaurantes, comércio, cinema e cultura. O corolário disto seria um desalojamento substancial da classe trabalhadora para os velhos subúrbios e a periferia urbana mais distantes.

Por fim, citando Canclini (2010): as grandes cidades, dilaceradas pelo crescimento errático e por um “multiculturalismo” conflitante, são o cenário em que melhor se manifesta o declínio das metanarrativas históricas, das utopias que imaginaram um desenvolvimento humano ascendente e coeso através do tempo.

3. (des) metodologia errante

Nas duas primeiras partes deste trabalho foram apresentados alguns conceitos que fazem uma abordagem sociopsicológica e fenomenológicas do espaço para melhor compreensão da teoria da deriva proposta pela a internacional situacionista e, também, discutidos alguns aspectos para entendimento das transformações que estão ocorrendo no IV distrito. Todas as imagens são decorrentes de derivas feitas pela cidade de Porto Alegre, em especial do bairro “analisado”.

Segue no próximo capítulo fragmentos de uma escrita experimental e fotografias que são o resultado de uma deriva realizada em Julho de 2016 (Anexo 1). Esta escrita experimental (poética), feita em prosa espontânea, pretende expressar os efeitos sinestésicos da experimentação territorial transmitindo alguns significados revelados.

As imagens tentam fazer uma espécie de “antropologia visual” condensando e veiculando representações sociais imprescindíveis ao entendimento dos fenômenos naturais e

das ações humanas. Porém é importante salientar que este trabalho não termina aqui, pois há limitações que são inerentes à fenomenologia e aos registros tanto de escrita, como também fotográfico, pois foram despreziosos e ocorreram antes de alguma ideia de escrever sobre as errâncias irregulares feitas em Porto Alegre.

4. Errâncias pelo IV distrito

Iniciamos a deriva por um lugar comum costumeiro um lugar nosso de cada dia. Mas nunca achamos comum a fome na mesa do trabalhador e a fartura na mesa do burguês. Esta indiferença não é nossa. Tudo é um Devir!

Figura 9: bicicletas e pé de boldo.



Fonte: deriva do autor, 2016

“Os errantes que fizeram deambulações não estavam mais, como nas flanâncias, embriagados pela experiência e pelo choque da multidão nas ruas. Eles provocam a multidão, a devoram, entram nas passagens, se tornam passagens; como o trapeiro, recolhem trapos, sombras, restos da cidade, e se embriagam como a própria fugacidade moderna, com a fugaz- cidade moderna. (Jacques 2014. P. 139)

Cada esquina é uma dobra, a luz do sol um toque na cal da espinha dorsal (...) as pessoas como se fossem minhocas afofam a arquitetura (...) (Figura 10)

Figura 10: estamos na esquina.



Fonte: deriva do autor, 2016

Os paralelepípedos não tomavam mais banho de sol, as nuvens vestiam os travestis, as paredes desaprumadas, as falsas volutas, as balaustradas, todos os ornamentos das fachadas, as garrafas de cachaça fechadas, pois o ar carregava um perfume de terra que brotava da boca desdentada da rua; a água densa do Guaíba evaporada e desvariada sobrevoava a cidade que era violentada por uma tarde de domingo. Caminhávamos sem nenhuma certeza, sentido apenas os cheiros da noite passada nas esquinas encardidas de purpurina. Caminhávamos embalados apenas pelos gritos de acracia, gemidos de programas de quartos vencidos, abajures “cults” sobre ladrilhos hidráulicos bem comportados.

“É como se o lugar que estava em questão na hospitalidade fosse um lugar que não pertencesse originalmente nem àquele que hospeda, nem ao convidado, mas ao gesto mesmo pelo qual um oferece acolhida ao outro, sobretudo se este outro está sem morada. Hospitalidade, em termos físicos arquitetônicos, concretos, é dar lugar ao lugar, abrir o lugar, dar passagem, dar passo ao outro, acolher a diferença” (Fuão, 2014. P. 52)

E nesse espaço inorgânico chamado cidade, na fragilidade da fissura das justas das conjunturas, as ervas nascem, espontâneas, daninhas de vida rompem todo o tipo de concreto, enquanto umas se abrem para chuva outras abrem guarda-chuvas. (Figura 11)

Figura 11: morador de rua se protegendo da chuva.



Fonte: deriva do autor, 2016

Fomos para o lado da Cristovão Colombo, para o lado do centro, onde havia um muro, onde se separava uma cidade de outra cidade. Uma espécie de absurdo que ainda se manifesta ali e aqui. (Figura 12)

“Todos carregavam uma culpa muda, silenciosa – ninguém falava nada. No alvorecer cinzento que arquejava fantasmagoricamente por trás das janelas do cinema, já abordando suas marquises, eu estava dormindo com a cabeça apoiando no banco de madeira do assento quando seis empregados encarregados da limpeza convergiam até mim com a produção total do lixo de todas as sessões varrido naquela sala imunda e agora ali, num acúmulo monumental bem á altura do meu nariz, enquanto eu roncava de boca escancarada e cabeça pendida – por pouco eles não me varreram junto também.” (Kerouac, 1984. P. 257).

Figura 12: Cine Teatro Ypiranga na Av. Cristóvão Colombo.



Fonte: deriva do autor, 2016.

Em algum momento falamos sobre a cidade, sobre o sapateiro que não estava mais ali, sobre o afiador de facas que não estava mais ali, sobre os musgos das telhas e as telhas, os móveis que não estavam mais ali e as pessoas que outrora habitavam a casa, já não estavam mais ali (...) (Figura 13)

“Mais uma casa demolida, em seu lugar restou apenas uma lúgubre cavidade e resíduos de destroços psíquicos” (Eisner, 1987. P. 6)

Figura 13: Casa demolida no IV distrito.



Fonte: deriva do autor, 2016

O Cirex envaidecido pisca o olho sem vidro para pegar a ruiva despenteada da calçada (...) Tudo é animado, até a janela que bate asa, ela voa enquanto as outras continuam mudas, caladas (...) (Figura 14)

Figura 14: edifício com revestimento Cirex na fachada.



Fonte: deriva do autor, 2016

Eu estou aqui (...) Veja bem! Eu estou aqui (...) Veja bem! Mesmo sendo parte deste edifício inanimado (...) eu estou aqui sentado no canto da porta (...) e não estou sozinho (...)

Figura 15: edificações e pessoas abandonadas no IV distritos.



Fonte: deriva do autor, 2016.

Nesta errância algumas imagens concisas como aquelas das noites frias que eu dançava com minhas calungas apareceram no nevoeiro dos meus pensamentos. A seguir o poema Lapis 6B produzido em uma deriva 2012:

“Segunda feira
Faz frio
Ele sai com seus sapatos pesados
A mesma calça rota
E um casaco de veludo dos anos 80
No bolso
No lugar dos documentos, celular e cartão de crédito
Um walkman com uma fita de Stravinsky
Um lápis 6B
E um pouco de dinheiro
Pouco, mais o suficiente para preencher a solidão do dia
Senta na mesma mesa revestida de papel Kraft
Pede uma taça de vinho bordô para o mesmo garçom cansado
No qual nunca trocou uma palavra
Toma o vinho com notas acentuadas de vinagre
Calado
Começa a traçar linhas tortas na mesa
Definindo sua arquitetura vazia
Preenchida apenas de calungas fáticas
Após algumas horas
Deixa a mesa nua
O copo com a solidão
E entra em sua madrugada
Habitando os espaços defeituosos da rua
As pessoas cegas vêem apenas ele sozinho
Pulando no meio do nevoeiro
Zombam de sua loucura
Mas ele com indiferença dança
Dança com suas calungas”

Dentre os errantes e nômades urbanos encontramos vários artistas, escritores ou pensadores que praticaram errâncias urbanas. Através das obras ou escritos desses artistas é possível se apreender o espaço urbano de outra forma, partindo do princípio de que os errantes questionam a construção dos espaços de forma crítica. O simples ato de andar pela cidade pode assim se tornar uma crítica ao urbanismo enquanto disciplina prática de intervenção nas cidades. Essa crítica pode ser vista tanto nos textos quanto nas imagens produzidas por artistas errantes a partir de suas experiências do andar pela cidade (Jacques, 2004).

- Vamos tomar uma naquele bar? Vamos tomar uma antes que feche!

Figura 16: bares característicos da região IV distrito.



Fonte: deriva do autor, 2016

- Acho que devemos escrever algo sobre nossas caminhadas.
- legal! Não tem ninguém falando sobre isto aqui (...) - disse Helius.
- Dá uma bem gelada aí (...)

Referências Bibliográficas

- ARANTES, A. **O patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana.** Habitus Goiânia, v.4 n1, p. 425-435, 2006.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos.** Editora UFRJ. 8° Edição. Editora UFRJ. Rio de Janeiro, 2010.
- DEBORD, G. E. **Teoria da deriva.** Tradução. Denise Pereira, 1982. Revista Barbárie, N°5. Bahia, 1982.
- DEBORD, G. E. **Introdução a crítica da geografia urbana.** Original 1955. Apologia da deriva. Organização Paola Berenstein Jacques. Editora Casas da Palavra. Rio de Janeiro, 2003.
- EISNER, W. **O edifício: uma história sobre a vida e morte de um edifício.** Editora Abril. Série Graphic Novel. São Paulo, 1989.
- FELIN, B. **Quarto Distrito espera há pelo menos 30 anos por uma revitalização.** Jornal Zero Hora, 15 de Novembro de 2014.
- FUÃO, F. F. **As formas do acolhimento na arquitetura.** Derrida e arquitetura. Organização Dirce Eleonora Solis e Fernando Freitas Fuão. Editora UERJ. Rio de Janeiro, 2014.
- FURTADO, C. R. **Intervenção do Estado e (re)estruturação urbana.** Um estudo sobre gentrificação. Cad. Metrop., São Paulo, v. 16, n. 32, pp. 341-363, novembro. 2014. Disponível <<http://www.scielo.br/pdf/cm/v16n32/2236-9996-cm-16-32-0341.pdf>>. Acesso em 24 de Agosto, 2016.
- GHISSIA, H.; HOPPE, D. PADRÃO, F.M. **Parques tecnológicos como instrumentos de requalificação urbana de áreas degradadas.** Documentos de Arquitetura: traços & pontos de vista. Editora da Ulbra. Canoas, 2005.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós – modernidade.** Original 1992. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9° Edição. DP&A. Editora. Rio de Janeiro, 2004.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna.** Original 1989. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 25° Edição. Edições Loyola. São Paulo, 2014.

- LEFEBVRE, H. **Espaço e Política: o direito à cidade II**. Original 2000. Tradução: Margarida Maria de Andrade, Pedro Henrique Denski e Sérgio Martins. 2º edição. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2016.
- JACQUES, P. B. **Breve histórico da Internacional Situacionista – IS**. Arqtextos, 2003. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/03.035/696>>. Acesso em 22 de Agosto, 2016.
- _____. **Elogio aos errantes**. 2º edição. Editora Edufba. Salvador, 2014.
- _____. **Errâncias urbanas: A arte de andar pela cidade**. Arqtexto 7. 2005.
- _____. **Elogio aos errantes**. Breve histórico das errâncias urbanas. Arqtexto. 2004. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/05.053/536>> Acesso em 22 de Agosto, 2016.
- JEUDY, H. P. **Espelho das cidades**. Tradução: Rejane Janowitz. Editora Casa da Palavra. Rio de Janeiro, 2005.
- KEROUAC, J. **On the Road**. Original: 1955. Tradução: Eduardo Bueno e Antônio Bivar. Editora brasiliense. 1984.
- PONTY, M. M. **Fenomenologia da Percepção**. Original 1945. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4º Edição. Editora WMFMartinsFontes. São Paulo, 2015.
- ROLNIK, S. **Alteridade a céu aberto**. O laboratório poético- político de Maurício Dias & Walter Riedweg. Museu d' Art Contemporani de Barcelona. Barcelona, 2003.
- SMITH, N. **Gentrification, the frontier, and the restructuring of urban space**. **Gentrification of the city**. Organização Neil Smith e Peter Williams Londres, Allen e Unwin, 1886.

Anexo 1: percurso da deriva de Julho de 2016.

